



4962 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
 GT06 - Educação Popular

RELAÇÕES ENTRE FESTAS POPULARES E EDUCAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO DA FESTA NO MILAGRE DE SÃO ROQUE NO MUNICÍPIO DE AMÉLIA RODRIGUES - BA
 Reginalva dos Santos Bruno - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

RELAÇÕES ENTRE FESTAS POPULARES E EDUCAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO DA FESTA NO MILAGRE DE SÃO ROQUE NO MUNICÍPIO DE AMÉLIA RODRIGUES - BA

RESUMO

O texto apresenta o resultado de uma pesquisa desenvolvida no mestrado em Educação cujo objetivo foi analisar as relações entre as Festas Populares e a Educação Popular, tendo como contexto a Festa no Milagre de São Roque no Município de Amélia Rodrigues - Bahia. Para realizarmos essa proposta, buscamos compreender a educação na sua relação com a cultura popular, com a tradição oral e a ancestralidade como forma de resistência à pressão dos processos de escolarização de base eurocêntrica, indicando assim, uma maneira de educar por meio de transmissões de saberes e conhecimentos entre gerações, ao tempo em que isso também nos leva a resistirmos aos movimentos históricos de dominação. A partir da base teórica da Educação Popular levantamos como pressupostos para qualificar o debate sobre a sua possibilidade de trabalho com as Festas Populares as possibilidades de promoção da valorização dos saberes do cotidiano, da experiência e sabedoria popular em espaços não formais de educação.

Palavras-chave: São Roque. Festas Populares. Cultura Popular. Educação Popular.

INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta reflexões tecidas na pesquisa desenvolvida no mestrado e tem como objetivo analisar as relações entre as Festas Populares e a Educação Popular, tendo como contexto a Festa no Milagre de São Roque no Município de Amélia Rodrigues - Bahia. Nesta perspectiva, elegemos a referida festividade por ser uma festa que representa a junção de práticas culturais étnico-raciais e de religiosidade afro-brasileiras e com isso caracteriza o trabalho com a cultura popular.

Nesse sentido, para realizarmos essa proposta investigativa, buscamos compreender a educação na sua relação com a cultura popular, com a tradição oral e a ancestralidade como forma de resistência à pressão dos processos de escolarização de base eurocêntrica, indicando assim, uma maneira de educar a caminho da resistência e por meio de transmissões de saberes e conhecimentos entre gerações, ao tempo em que isso também nos leva a resistirmos aos movimentos históricos de dominação.

Assim, as especificidades da Cultura Popular presentes nas Festas Populares como espaços educativos circulam o presente trabalho e faz referência a opção pelo aporte da Educação Popular, pois essa seria, entre outras compreensões de suas dimensões, “[...] o conjunto de práticas através das quais, em qualquer situação, no interior de sua própria cultura e através de suas redes e regras as pessoas das classes populares vivem experiências endógenas de produções e transferência de seu próprio saber” (BRANDÃO, 1986 p. 148).

Desta forma, como afirma Pessoa (2013), podemos abrir um novo universo de práticas e campos de análises, com o uso das experiências próprias, endógenas e cotidianas que considera a ampliação do quem vem a ser a Educação Popular e nos abre, portanto, novos olhares para a alargamento do entendimento sobre o referido referencial teórico a partir dos saberes produzidos e transmitidos no interior dos próprios grupos populares, passando pelo desenvolvimento de práticas sociais e com isso incluímos as manifestações culturais, especificamente, as Festas Populares como possibilidades de trabalho na perspectiva da Educação Popular.

A problemática apresentada no presente trabalho se refere a analisar quais as relações que se estabelecem entre as Festas Populares e a Educação Popular e, desta forma, evidenciamos a viabilidade de trabalharmos com as questões relacionadas às práticas educativas que ocorrem na Festa no Milagre de São Roque no Município de Amélia Rodrigues, contribuindo assim, para revelar importantes dimensões dos saberes afro-religiosos brasileiros utilizando como pressupostos teórico a Educação Popular entendida enquanto libertação e estímulo as potencialidades do povo e a

valorização de suas práticas experienciais e cotidianas como eixo central de práticas educativas.

Nesse sentido, informamos que realizamos uma pesquisa de caráter qualitativo, em que os sujeitos selecionados para entrevista se constituíram de dez pessoas que participam ativamente das festividades no Milagre de São Roque, identificados como: o representante da comunidade; o representante religioso de matriz africana; o representante do catolicismo; o diretor, um professor da escola da comunidade e um aluno da escola comunitária da comunidade onde ocorrem as festividades; um professor da sede do município, uma moradora da cidade, uma pessoa com histórico de devoção por promessa e um participante da festa de outra localidade que visita com regularidade a festa. Elegi-os como sujeitos da pesquisa, por considerar que são pessoas que expressam nas suas diversas vivências uma participação mais ativa e relacionável com a festa e a comunidade em seu entorno.

Assim, para melhor nos direcionarmos nessa viabilidade estruturamos o texto em três momentos, quais sejam: (a) iniciaremos apresentando algumas concepções sobre Festas Populares; (b) discorreremos a respeito dos aspectos relacionados às informações sobre as origens e contexto da Festa no Milagre de São Roque e (c) análise das relações entre as Festas Populares e a Educação Popular.

APRESENTANDO ALGUMAS CONCEPÇÕES SOBRE AS FESTAS POPULARES

As Festas Populares tem sido um tema explorado nas ciências humanas e sociais, ao longo do tempo. Mas, especificamente em relação à área da educação, essa temática vem aparecendo no cenário das pesquisas, ainda com uma certa timidez e de uma maneira geral, os sentidos, significados e desdobramentos das festas ainda são muito pouco estudados, principalmente, em relação à sua possibilidade de constituir-se enquanto práticas educativas. Isto pôde ser evidenciado a partir, por exemplo, de um levantamento que realizamos no Grupo de Trabalho - GT 06 de Educação Popular da ANPEd, entre os anos de 2017 a 2011, onde dos 72 trabalhos apresentados de comunicação oral, não observamos textos que abordem sobre festas populares, o que nos mostra a relevância do trabalho que estamos apresentando.

As festas populares, sobretudo as de caráter religioso, como apresentamos no presente texto, são repletas de signos, sentidos, significados e alegorias, tendo como vetor central um mito de origem com um elemento de adoração e/ou admiração que dá sentido e destaque à festa. Assim também ocorre com a manifestação religiosa denominada de "Festa no Milagre de São Roque", que possui traços geralmente semelhantes a outras manifestações presentes no território baiano e brasileiro, que se destaca por suas particularidades e simbologias próprias.

Por esse ângulo, consideramos que as Festas Populares devem ser estudadas, pois são atos coletivos que demonstram a força e a participação de uma coletividade, como é apresentado, abaixo:

As festas religiosas, procissões e romarias são as práticas mais sensacionais da religião popular. Esses eventos merecem ser estudados pelo seu caráter aglutinador de pessoas, centrado no santo padroeiro, no costume local, na tradição religiosa herdada do colonizador. (ROSENDAHL, 1999 p. 42)

Entretanto, olhar para todas as festas como sendo repetições de uma mesma manifestação ancestral não ajudaria na compreensão das suas articulações com o imaginário dos sujeitos que delas participam, mas estaria apenas obstruindo a possibilidade de nos aproximarmos de uma multiplicidade de signos, símbolos e significados que nelas estão presentes, e das diversas articulações que podemos fazer entre sagrado e profano que caracterizam a pluralidade do trabalho com a cultura.

Cada uma das festas do grande repertório das manifestações culturais brasileiras têm suas origens, nas quais o tempo de existência e as características e especificidades da sociedade local dão a cada uma delas aspectos singulares. Assim, o estudo das memórias ou das narrações, relativas à construção das festas enquanto fenômeno religioso e de suas tradições possibilitam, um contato inicial com os símbolos presentes nessas manifestações, agregando informações e oferecendo uma base de conhecimentos e meios educativos como é o caso da festa em tela.

No caso das festas populares e religiosas, principalmente as do Nordeste, a particularidade está em se apresentarem como ocasião e espaço para que o ser humano possa transcender-se, sair do difícil cotidiano, visto que a festa reflete a imagem ou trajetória de uma vida distinta daquela que realmente é, conforme nos destaca Amaral (1998), sendo portanto, um momento em que o ser humano se liberta e vive um imaginário sem o constrangimento das hierarquias econômicas e sociais.

Nessa perspectiva, as festas populares presentes desde os momentos mais remotos da civilização, têm no ato de festejar a inerente condição de humanidade, sendo a festa, sua decorrência. A festa estaria assim associada, primeiramente, aos ritos de saudação à divindade, assim como aos momentos da colheita ou mesmo às cerimônias fúnebres. Nessa condição, ela então dominará diferentes dimensões da vida, marcando nascimentos, casamentos e outros ritos de passagem e permeará a sociedade como um todo, independente de classe social ou de condição econômica.

Em decorrência disso, envolverá não apenas seus promotores como famílias, clãs, empresas, comunidades, entre outros mas, significará momentos de estar com o outro, de receber o outro como parente, amigo, entre outros. Nesses termos, quando falamos em festa, associamos esse falar à cultura, pois o momento e contexto de sua realização se configurariam como expressão simbólica para o grupo social envolvido. Assim, como um ato contínuo, as festas teriam importância fundamental para a compreensão da estruturação da sociedade, pois expressariam, ainda, o inconsciente

coletivo e a identidade de um grupo.

Portanto, as Festas Populares, como expressão da cultura de um povo que festeja, demonstram a intensidade dos sentidos e significados representativos dos grupos humanos, que a vivenciam concretizando seus clamores, desejos, saberes e fazeres passados de geração a geração. Nesse sentido, essa é a grande possibilidade que elas nos oferecem, pois se constituem como uma renovação das bases teóricas, das metodologias e perspectivas temáticas, apresentando-se assim como um rico e amplo campo de estudos para a área educacional, principalmente, se realizada na associação com a Educação Popular.

ASPECTOS RELACIONADOS ÀS ORIGENS E CONTEXTO DA FESTA NO MILAGRE DE SÃO ROQUE

Para iniciarmos a apresentação das origens da Festa no Milagre de São Roque, salientamos que entre as festas religiosas populares na Bahia, a mesma constitui-se numa festividade muito interessante e pouco conhecida no círculo de festas religiosas do estado baiano, mesmo tendo a centralidade no santo São Roque, que é muito reverenciado na capital Salvador e em outras cidades do interior da Bahia, do Brasil e internacionalmente.

Quanto à descrição da referida festa, ela é uma tradição que reúne elementos do catolicismo e da cultura popular de origem portuguesa, muito encontrada em outras regiões do país, mas que assimila características próprias do lugar que ocorre enquanto área de economia colonial através da matriz de cultura africana do candomblé, entre outras práticas que caracterizam a forte religiosidade do cenário brasileiro, a começar pela complexidade na caracterização do culto a São Roque que por ora chega a ser confundido com São Lázaro, e que na matriz africana ele é simultaneamente representado pelos orixás Obaluaiê e Omolu.

Com relação à localização espacial, a festa no Milagre de São Roque é realizada em uma comunidade que fica na localidade denominada de “Fazenda Ipiranga”, área que engloba a usina chamada de Itapetingui, na sede do município de Amélia Rodrigues, onde acontecem as demonstrações de religiosidade individual e coletivas de muitos moradores do município e de várias localidades próximas à região e distantes, devido à fé que muitos têm neste santo de devoção, tanto a partir da religião católica como do candomblé, caracterizando-se, portanto, em uma festa sincrética.

A origem do Milagre se encontra envolta em várias lendas e demonstrações do imaginário e das representações da memória das pessoas do lugar, que colocam diversas situações míticas explicativas para o surgimento do milagre fundamentado pelo ideal de religiosidade e de misticismo próprios da região, como as várias visualizações feitas por moradores em relação ao santo São Roque no local do Milagre e das muitas graças de curas obtidas no local com o poder de suas águas, minerais e folhas como podemos observar nesse depoimento apresentado por uma das participantes da festa:

O Milagre de São Roque é uma tradição muito antiga do nosso município. E minha vó, ela sempre contava, relatava os acontecimentos, esses acontecimentos, essas festas populares que tínhamos aqui, como o Milagre de São Roque, que acontece no mês de agosto. A Festa de São Roque era assim, era como se uma história. Na verdade, a gente, quando criança, ouvia muito essas histórias de que havia um lugar aqui em Amélia Rodrigues, onde apareceu um homem, um homem cheio de feridas e, acompanhado dele, um cachorro. E nesse lugar, onde esse homem apareceu, eles tinham uma mata, era entre os canaviais, mas na época não era nem canaviais, era uma mata... E tinha uma pedra enorme, e dessa pedra (riso)... descia a água. Porque tinha a marca da sandália, do homem, do viajante, e tinha também as pegadas do cachorro. E eu cresci sempre ouvindo isso, sempre ouvindo isso, sempre ouvindo esse relato (Entrevista Jussara Cordeiro, 1ª de nov, 2018)

Desta forma, sua localização no tempo é muito difícil de precisar, por estar circunscrita aos relatos da oralidade dos seus participantes mais antigos e também devido ao fato de ser uma celebração restrita a uma área de difícil acesso, sem registros escritos identificados e também por ser uma festa mais indicada pela participação das camadas menos privilegiadas e com poucos recursos para fazer uma perpetuação de suas lembranças, seja por meio de registros fotográficos e escritos midiáticos e isso tem dificultado o levantamento das temporalidades da festa, seja na questão do seu início ou de a quanto tempo ela tem de existência.

Assim foi “de boca em boca”, como afirmam alguns sujeitos da pesquisa que se deu a divulgação sobre o começo do Milagre de São Roque, através do falatório do povo simples que ouvia de uma pessoa e outra sobre o tal do “milagre” e isso para uma época sem grandes meios de comunicação; o fato era o suficiente para se acreditar e assim espalhar a devoção numa típica expressão da cultura popular que seguiram por romarias e com o passar do tempo se constituiu em uma grande Festa ao ar livre e na contemplação de uma natureza exuberante que mais ainda confirma a presença do sagrado e do profano na ocorrência da festividade.

Nesse sentido, além da questão religiosa que configura o sagrado, a festa no Milagre de São Roque expõe também o lado divertido do misticismo festivo religioso brasileiro com a presença de músicas, comidas, danças e tudo mais que se imagine e que se possa ter num dia considerado como todo especial em que as pessoas se aproximam e festejam juntas em famílias mesmo vindo pessoas de vários outros lugares e sendo estranhas umas às outras, tendo em vista tão somente

agradecerem com uma grande festança, tudo aquilo que conseguiram durante o ano, os benefícios conseguidos através do santo de sua grande devoção que é o senhor São Roque.

A festa é caracterizada por vários momentos importantes, a começar pelo período de preparação para o evento que acontece no primeiro final de semana do mês de agosto, e consiste da limpeza da área do milagre com corte das folhagens excedentes; da capela e construção de pequenas barracas de palhas para ser local de trabalho dos comerciantes que se dirigem à localidade. Toda essa manutenção é realizada pelos próprios moradores do distrito e a arrumação da festa consiste também de pequenos “ensaios” preparatórios para a grande festa que ocorrem nos finais de semana anteriores ao dia 16 de agosto.

Portanto, diante do que foi exposto acima, podemos afirmar que a festa no Milagre de São Roque constitui-se em um rico exemplo de festas populares e religiosas brasileiras em que é evidente a presença do sincretismo, tradição, ancestralidade e saberes, fazeres, sentidos e representações da cultura popular do Brasil o que a caracteriza enquanto espaço de práticas educativas e de Educação Popular como discorreremos na sequência desse texto.

ANÁLISE SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE AS FESTAS POPULARES E A EDUCAÇÃO POPULAR

As festas populares, também conhecidas como manifestações da cultura popular, são baseadas em costumes e na tradição cultural de um povo. Nesse sentido, as Festas representam a cultura e a diversão que acontecem em muitas regiões do Brasil e também pelo mundo afora. Elas são, portanto, a demonstração dos aspectos culturais e sociais de uma região e podem ser estudadas como objeto de conhecimento científico através do sistema de comunicação das classes subalternas, como produção cultural privilegiada, para a construção da identidade cultural de um determinado grupo.

Assim, tanto pela relevância dos atos sociais, culturais e educativos que se desenrolam no âmbito das festas, como pelo significado social que as mesmas podem aportar para o fortalecimento da memória histórica e da resistência cultural das classes subalternas, as festas populares constituem-se como um acontecimento aglutinador da realidade das comunidades as quais estão envolvidas e podem ser avaliadas no sentido de seu potencial como formadora de uma práxis pedagógica, “da conscientização e da participação social, porque um dos elementos mais significativos no processo de realização da festa é a transformação do indivíduo comum em protagonista daquele evento” (FERREIRA, 2006 p. 112).

Com base nessa constatação, percebemos que as festas não são apenas uma reunião de pessoas com o intuito de diversão, mas também elas podem ser compreendidas como manifestações sociais em que novas formas de pensar e se portar é gerado, pois, nas festas são liberadas formas de agir e de pensar o mundo que comumente não aparecem no cotidiano. Nesse sentido, o espaço da festa pode ser compreendido como território de liberdade, transgressão, resistência e também de transmissão de saberes e ideologias direcionadas à formação moral, ética e cidadã do povo.

Assim sendo, as festas populares como parte da cultura popular e por meio de suas expressões múltiplas, ricas e variadas, podem apontar possibilidades de integração de importantes espaços de circulação de diferentes saberes e fazeres fora do contexto escolar, em diálogo com os saberes já institucionalizados nos currículos oficiais. Desta forma, a cultura festiva que se dá nos diversos espaços e tempos, ampliam histórias e favorecem as interações referendadas nas escolas através de festividades como festa junina, carnaval, micareta, quermesse, da primavera, entre outras que constituem-se em celebração ou memória de histórias que precisam ser lembradas e retomam a identidade de um lugar, de um povo e de uma sociedade.

Deste modo, as festas populares, além de seu caráter sagrado e profano, também passam a ser discutidas em sua dimensão pedagógica, pois podemos aprender muitos aspectos com a ocorrência de uma festa como especificamente saberes e fazeres vivenciados pelas pessoas que dela participam através das diferentes gerações e em diferentes localidades estabelecendo-se em um cenário de contatos entre distintas classes sociais, que promove a inter-relação entre adultos, jovens, velhos, crianças, homens e mulheres, e proporciona o compartilhamento entre esses sujeitos de códigos, regras, de suas crenças, angústias, esperanças e fantasias, numa prática possível de interculturalidade no campo educacional.

Por esse motivo é que justificamos nossa escolha em relacionarmos as Festas Populares com a Educação Popular, por elas agregarem relações sociais, afetivas, culturais e simbólicas que ocorrem num determinado grupo com o intuito de vislumbrar valores como: solidariedade, pluralidade e liberdade que podem ser reafirmados e vivenciados nos processos de escolarização formal e informal.

Nesta perspectiva, é inegável que mesmo as festas populares tendo mudanças, transformações e resistências de modo bastante evidente, em alguns aspectos, perdendo certas características e ganhando outras feições, tanto interna quanto externamente, dadas às características complexas e distintas de cada grupo social, essas variáveis próprias das manifestações da Cultura Popular, como expressão de uma determinada comunidade nos ensinam muito sobre o trabalho com valores, pois como afirma Pessoa (2005) ao se referir às festas populares na dinâmica da cultura:

A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias (PESSOA, 2005 p.39).

De tal modo, as festas constituem-se em eventos de grande poder aglutinador, que marcam as comunidades e seus praticantes, transformando-se em um elo identitário de pessoas e de grupos, pois permitem criar culturas, símbolos e identidades, já que permitem viverem novos valores, novas formas de sociabilidade e novas relações com o mundo, sendo necessários esforços coletivos de preservação, pois as mesmas constituem-se em espaços ao ar livre de Educação Popular.

Por essa perspectiva, a festa pode ser compreendida como prenúncio do novo, de outras possibilidades de relações entre as pessoas, ou seja, também pode ser percebida como uma forma de resistência. Nesse sentido, como nos aponta Ribeiro Junior (1982), a festa é caracterizada pelas dimensões lúdica e pedagógica afirmando que há neste evento tão simbólico uma pedagogia não formalizada, pela qual se transmite a cultura de um povo, e em vista disto nos alerta que a festa é uma forma de pedagogia social, pois caracteriza-se como práticas educativas que não se limitam aos muros da escola, ocorrem em todos os contextos e âmbitos da existência individual e social humana, de modo institucionalizado ou não, sob várias modalidades, ou seja pode pôr à vista mundos novos, capazes de potencializar a resistência de um povo.

Conforme esse enfoque, a resistência vai se efetivando à medida que as pessoas aprendem a trabalhar nas brechas produzidas pelas contradições do próprio sistema capitalista em que vivemos. Assim, o autor comenta que “na festa, existe a “escola de resistência” onde o símbolo é a lição, a solidariedade e o alargamento são a disciplina; o ritual é o exercício prático e o currículo é constituído pelas lutas mais gerais pela libertação” (RIBEIRO JUNIOR, 1982, p.44).

Nesse sentido, podemos afirmar que no contexto das festas ocorre o ensinar e o aprender constante envolvendo tanto os participantes mais velhos quanto as crianças, e que de acordo com Ribeiro Junior (1982), a festa como ação pedagógica se transforma numa escola aberta, cuja didática e metodologia se fundamenta no modo de viver do grupo. Assim, a associação de festa com essa escola não convencional tem relação direta com a comunidade, espaço em que a mesma assume sua função educadora.

Assim, também se refere quando analisa as potencialidades das Festas Populares que representam a Cultura Popular como sendo “Experiências endógenas”, uma “lógica própria do mundo”, “sua simbologia” constatações com grande peso analítico, que “asseguram com muita convicção a condição de ensinante e aprendente da cultura popular”, Pessoa (2013. p. 205).

Ao mesmo tempo, aprender e ensinar com as festas populares requer, antes de tudo, o reconhecimento de suas dimensões pedagógicas e que busquemos o conhecimento de suas origens, tradições, contextualização histórico-social, da mesma forma que faz-se necessário compreender que as mudanças que ocorrem no interior das Festas Populares, são também significativas pois resultam do próprio contexto dinâmico da cultura que as produz em acordo com o tempo e o espaço onde elas se manifestam.

No entanto, existe um grande problema a ser superado sobre as festas populares, ao serem vistas como tendo pouco significado enquanto espaço educativo, pois para muitos professores e gestores de escola demonstram pouco interesse pelas manifestações da Cultura Popular de suas localidades como referências de memória, identidade cultural, bem como, nas possibilidades pedagógicas e situações de aprendizagens existentes nos espaços festivos.

Essa situação talvez ocorra pela falta de informações, estímulos e a compreensão por parte de alguns profissionais da educação com relação à importância dessa temática ainda pouco trabalhada nos espaços acadêmicos da área de educação; o que poderia constituir-se em um dos grandes fatores que levam a pouca valorização da cultura popular brasileira no espaço escolar enquanto um trabalho que pode promover reflexões em relação a questões como religiosidade e etnia, entre outros aspectos.

Apesar dessa constatação, observando os pressupostos supracitados anteriormente, podemos perceber a importância do trabalho com as festividades e a correlação do trabalho pedagógico com as Festas Populares e a Educação Popular, haja vista, que a palavra educação é capaz de ser tão abrangente e multifacetada mais até do que se possa pensar, não excluído no entanto que existem diferenças e contradições entre educação formal, informal e aos espaços que a ela se aplicam.

Levando-se em consideração esses aspectos e nos reportando a Brandão (1995), acreditamos, no entanto, que a educação acontece em qualquer lugar, não existindo apenas uma forma de educação escolarizada, mas várias educações. A escola não é o único espaço onde ela acontece, mas sim teria relação com o sentir, o viver, a prática, a experimentação e principalmente com o modo de vida, que é evidenciado através das possibilidades transmitidas por sujeitos históricos em seu entorno social, portadores de uma herança cultural, e não apenas por professor/aluno, adulto/jovem em espaços formais.

E nesse sentido, como nos apresenta Albuquerque (2015), assim como uma planta pode ensinar e ser inclusive professora, as Festas Populares, a exemplo da Festa no Milagre de São Roque, em suas múltiplas dimensões também podem educar através de seus vários saberes e fazeres que perpassam o conjunto da realização das festas principalmente as relacionadas as de caráter religiosas e isso dentro de uma perspectiva de Educação Popular haja visto que a educação que se busca na festa pode ser entendida como essencialmente tendo a ver com a formação humana dos indivíduos.

Seguindo esses pressupostos, na contemporaneidade, ou para alguns, na pós- modernidade, a educação tem sido mediada por outros meios e sujeitos mediadores dos processos educativos como o uso das tecnologias e de outras linguagens que perpassam a cidade e seu cotidiano fazendo parte também do circuito de transmissão cultural, e se constituem em verdadeiras redes de educação, ação e reflexão, como postula Paulo Freire (1987).

Nessa perspectiva, podemos então pensar na conformidade com as discussões empreendidas nesse texto que a educação vista a partir dessa ótica acontece em diversos espaços como praças, ruas, casas, eventos, através das atividades desinteressadas, manifestações culturais, jogos em grupos, etc., onde são feitas trocas tão ricas da nossa

cultura, que a cada dia vai sendo modificada, visto que são espaços de constantes aprendizados desinteressados e que carregam os sentidos e significados para uma vida em comunidade.

Assim como podemos perceber, a relação entre Festas Populares e Educação Popular é possível, sendo a referida educação vista a partir da sua característica principal que é utilizar o saber da comunidade como matéria prima para o ensino-aprendizagem, valorizando todos os sujeitos sociais nesse processo através das trocas de saberes, e também porque é uma educação pautada no riso, na alegria, no desafio, na descoberta no não saber fazer, no querer apreender, no processo; o que constitui os pressupostos da educação popular que ensina brincando através do movimento que ao se fazer vai se fazendo, se construindo como tão bem cunhou Paulo Freire em seu fazer pedagógico:

Se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação. (FREIRE, 1987, p. 141)

Nesse sentido, podemos compreender que a Educação Popular é uma estratégia de construção da participação popular para o redirecionamento da vida social, pois, a principal característica de pressuposto teórico é utilizar o saber da comunidade como matéria prima para o ensino, valorizando todos os sujeitos sociais nesse processo, e tornando esse espaço de educação um lugar de afetos, alegrias e amorosidades como bem esclarece Freire (1987).

Portanto, a partir das análises empreendidas, podemos afirmar as possibilidades de estabelecermos relações entre as temáticas das Festas Populares e Educação Popular devido à dimensão pedagógica que as mesmas evidenciam através da valorização da questão da ancestralidade, da tradição oral e memória por meio da cultura, e sendo um caminho a seguir na condução de um ensino-aprendizagem de qualidade, visto que trabalhar com o que faz sentido para o educando fomenta a construção de saberes e fazeres como ato de conhecimento, transformação social e com certo cunho político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As especificidades da Cultura Popular como possibilidades para práticas educativas constituíram-se como a base das análises realizadas no corpo do presente texto e sobre essa influência centra-se nossas discussões sobre as relações entre as Festas Populares e Educação Popular. Para realizarmos essa pretensão evidenciamos também a intenção de trabalhar a ocorrência da Festa no Milagre de São Roque no Município de Amélia Rodrigues Bahia, contribuindo assim, para revelar importantes dimensões dos saberes e fazeres afro-religiosos brasileiros presentes nessa festividade.

Nesse sentido, ressaltamos que buscamos reunir argumentos teóricos, provenientes de diversas áreas científicas como sociologia, antropologia, educação, entre outras, para o fortalecimento epistemológico de um estudo em torno da dimensão educativa da Cultura Popular. Isso porque na vida escolar ainda persiste a negação dos saberes experienciais devido à compartimentalização e disciplinarização do conhecimento, na medida em que negar a visão de mundo e os saberes experienciais de algumas parcelas significativas da sociedade, que implica na exclusão social e educacional, fortalecendo assim, os mecanismos de controle hegemônico e subalternidade.

Nesse movimento, noções, como cultura, cultura popular, saberes, memória, identidade, cotidiano, experiência, resistência configuraram-se como fundamentais na caracterização e na prática da pedagogia contemporânea, que foram nossas diretrizes enquanto categorias para pensarmos as análises empreendidas ao longo de todo esse trabalho. Nesse, sentido, destacamos que os campos da educação e da cultura, para muitos teóricos atuais, têm sido estudados articuladamente, compreendendo-se a educação como prática social de formação humana, cultural de indivíduos, grupos sociais e a cultura como complexo simbólico que nomeia, julga, orienta e educa os sujeitos face ao mundo em que vivem.

Diante do exposto, fica notório que essas reflexões contribuíram para a realização deste texto ao possibilitar-nos a compreensão das práticas educativas presentes no espaço das Festas Populares como uma das facetas da Cultura Popular, perspectiva que atribui centralidade aos significados produzidos pelos aspectos ligados a valorização da vida, da religião e realidade social.

Com esse pensamento, construímos nossas referências de análise sobre as Festas Populares com base em conceitos, categorias e reflexões oriundas da possibilidade de estabelecermos relações com a Educação Popular. Afirmamos que a proposição teórica supracitada converge assim para o alargamento da noção de educação, para o delineamento de uma epistemologia da educação e de valorização dos saberes do cotidiano, da experiência e sabedoria popular.

Nessa perspectiva, a opção pelo aporte na Educação Popular foi possível por compreendemos que estudos dessa natureza podem favorecer análises sobre as dimensões interculturais presentes no saber fazer pedagógico, e com isso, o estudo da Cultura Popular, temática básica a esse movimento educacional, pode ser enriquecido com investigações sobre a circulação de saberes no cotidiano social, como no caso das manifestações culturais festivas, permitindo-nos compreender o hibridismo e a interculturalidade que lhes são característicos e que são conceitos que deverão ser aprofundados a partir do desdobramento da investigação realizada.

Desta maneira, consideramos que o estudo das Festas Populares, e mais especificamente da cultura religiosa, como a que ocorre no Município de Amélia Rodrigues intitulada de Festa no Milagre de São Roque configura-se como um

importante tema de trabalho pedagógico e investigativo em Educação Popular, pois evidenciamos memórias, significados sociais, saberes, narrativas, representações, imaginários, dentre outras temáticas de investigação que nos permitem empreender um olhar novo, dinâmico para a educação e a cultura popular e, como foi mencionado no presente texto, ainda carece de uma quantidade maior de pesquisas sobre esse tema.

Nesse sentido, buscamos no diálogo com a perspectiva da Educação Popular no pensamento freireano o entendimento de educação como um processo de constituição humana histórico-cultural, de consciência ancestral e, portanto, libertadora. Nessa compreensão, temos uma educação comprometida com a transformação radical da sociedade que deve se pautar no processo de socialização das produções históricas e culturais da humanidade, dentro de um projeto de rompimento radical com as estruturas da sociedade capitalista, tendo em vista a completa emancipação humana.

Desta forma, a Educação Popular contribui sobremaneira para superar a epistemologia clássica fundada na desqualificação do saber cultural, pois enxergam no saber popular mais que um puro reflexo da realidade, mas sim como ele próprio, complexo simbólico e que permite aos grupos populares relacionarem-se com a realidade e instituírem sua prática cotidiana.

E, nesse sentido, são inseridos os saberes dos mais velhos pelas funções desempenhadas como guardiões da memória coletiva da religiosidade presentes na festa, e assim, sendo eles os porta-vozes da ancestralidade mitológica, cabendo-lhes a tarefa de agentes educativos na tradução e socialização culturais provenientes da tradição. Desse modo, consideramos pertinente dimensionar a interculturalidade por meio das trocas de saberes como uma das bases da Cultura Popular e da Educação no espaço das Festas Populares.

Com base nos pressupostos apresentados, isso nos leva a pensar que os rituais e simbologias característicos da festa educam os indivíduos para a construção de uma atuação no mundo, permitindo-lhes internalizar saberes e fazeres. Nesse sentido, esses aspectos se aproximam cada vez mais da Educação Popular, pois proporcionam a autoafirmação identitária, além de serem espaços de confraternização comemorativa e lúdica, elas são também espaços de educação política, social e econômica com o aprender através da cultura popular e religiosa afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa a brasileira**: significados do festejar no país que “não é sério”. Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Antropologia/FFLCH/USP, 1998.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. Pode uma Planta Ensinar? Reflexões Contraepistemológicas. In: Congresso Nacional de Educação/EDUCERE da PUCPR. **Anais**. Curitiba: Pucpr, 2015.

BRANDÃO, Carlos R. **A educação como cultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FERREIRA, Maria Nazareth. Comunicação, Resistência e Cidadania: As Festas Populares. **Comunicação e Informação**, V. 9, nº 1: pág 111 - 118 - jan/jun. 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PESSOA, Jadir de M. **Saberes em festa**: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Editora da UCG/Kelps, 2005.

_____, Jadir de M. Festa Popular e Educação Popular: Lugares em Movimento. In: STRECK, Danilo R e ESTEBAN, Maria Teresa (Orgs.). **Educação Popular Lugar de Construção Social Coletiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 203-2013.

RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio N. **A festa do povo**: pedagogia de resistência. Petrópolis: Vozes, 1982.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis**: O Sagrado e o Urbano. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.